

Mas vem logo outro dizer:

Cravo, não guieras a rosa,
 és mais lindo do que ela;
 a rosa está de ribeiro,
 o cravo está de janela. (1)

Porem, os arrufos, os desprizes e as primazias, não acabam!

Uma rosa ao pé da antra
 tem um cheiro abafado;
 não há cheiro mais bonito
 que uma rosa ao pé dum cravo. (2)

O que linda contradança
 anda naquele terreiro!
 Ando cravo, ando rosa,
 ando o ramalhete inteiro. (3)

Se queres, rosa, ser rosa,
 fugi do cravo, fugi!
 no tempo em que eu era rosa,
 por um cravo me perdi.

A água do rio Minho,
 corre por baixo da ponte;
 quem quiser o cravo deido,
 pomba. Use a rosa de frente. (4)

O cravo tem vinte folhas,
 a rosa tem vinte e uma;
 anda o cravo em demanda
 por a rosa ter mais uma.

O cravo depois de seco,
 deita-se por aí aléu;
 a rosa, quanto mais seca,
 quanto mais prestimo tem. (5)

O cravo, depois de seco,
 foi-se guisar ao jorlino;
 a rosa lhe respondeu:
 tudo o que nasce tem fim.

A giesta fez-se branca
 em dar a flor amarela;
 mais branca se fez a rosa,
 se o cravo se esgaa a ela.

Se queres

Se tu queres vir comigo,
 traze a roupa num braçado;
 eu quero que diga o mundo
 que vai a rosa atrás do cravo. (6)

As rosas também namoram,
 levam vida bem ditosa;
 maroto do cravo branco,
 escolhe sempre a mais esverdeada. (7)

Fui à fonte dos amores,
 não achei senão cixiadros;
 enchi o cântaro de rosas,
 fiz a rodilha de cravos.

Trozes more cravo ao peito?
 Eu nem uma rosa tempo!
 Andavas p'ra me enganar...
 Quando tu vais, eu já venço.

Tempo na minha janela,
 o que tu não tens na tua;
 tenho cravinhos e rosas
 miradinhos para a rua. (8)

Quem disser que o verde é feio,
 hei-de lhe dizer que mente;
 não há cravo, não há rosa,
 aonde o verde não entre. (9)

O cravo caiu do céu,
 quebrou o pé, ficou coxo;
 a rosa com sentimento
 toda se vestiu de riso. (10)

Já fui cravo, já fui rosa,
 já estive num alegrete;
 agora estou no teu peito
 servindo de ramalhete.

Nem a rosa nem o cravo
 nem o jasmin nem o lírio,
 nem a primavera toda
 tem comparação contigo. (11)

Dizes que não tenho cama,
 que durmo no chão varrido:
 tenho uma cama de cravos,
 dorme uma rosa contigo. (12)

Coitadinha da menina,
 gafeita e tão bem criada!
 é filha de uma rosa
 e dum cravo enganada. (13)

O fonte, quem te ^{esqueceu,} bebere,
 o água, quem te bebere,
 o cravo, quem te escurara,
 o rosa, quem te colbere.

Atirei com o cravo ao poço,
 a rosa lá foi dar;
 diga o mundo o que disser,
 eu sempre te hei-de amar.

Deitei o cravo no poço
 e a rosa no esfarig;
 o meu coração com o teu
 já não criando raiz.

(1) Grad. Pop. de Vale do Santaro, por Carlos Ventura, na Rev. Lus. vol. 148, pag. 284.

(2) Cantigas Pop. de Celorico da Beira, por Maria Mendonça, na Rev. Lus. vol. 162, pag. 300 e 318.

Variante: Anda agora repare;
 quem andava no terreiro;
 era o cravo, era a rosa,
 era o ramalhete inteiro.

(3) Amor e canções, por Carlos Ventura.

(4) Cancioneiro Minhoto, por Lídia Vieira.

(5) Provas do Povo, por João do Minho.

(6) Grad. Pop. de Barron, por Fernando Barron, na Rev. Lusitana, vol. 18, pag. 264.

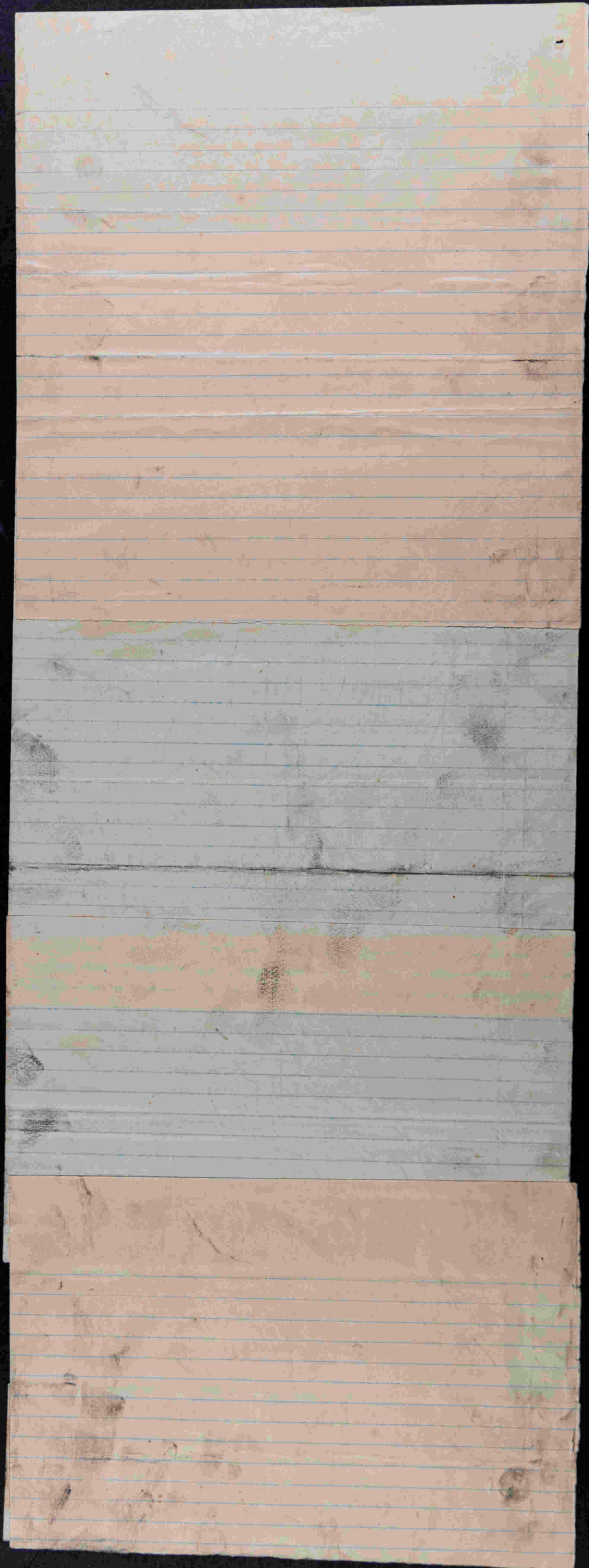
(7) Provas do Povo, por João do Minho.

(8) Folclore Santozense, por Albino Bastos.

(9) Cant. Pop. de Celorico da Beira, por Maria Mendonça, na Rev. Lus. vol. 162, pag. 318.

(10) Grad. Pop. de Barron, idem, idem, pag. 263.

(11) Cancioneiro Minhoto, por Lídia Vieira.



Para os santos, em ofertas por curas e milagres obtidos, ao S. Bento das Peras, em Vigela, alvogado dos cravos e verrugas, à S^{ra} da Sapinça, em S. Lourenço de Calvos, protectora dos renovos, ou a S. Tiago da Costa, vão só ramo de cravos, com os pés ligados a fôlhas de couve, para lhes conservar o frescor, tão lindos como ramos de mûças em adro de romaria, sob o expello doirado do sol, batendo na garridice dos côres dos seus trajos, girados no volteio de muitos peitos e quadris, e se não vão só os cravos, vai também a companheira, a alfáfega, que entra na mesma crença tributada pelo povo, aos santos ou ao amor.

Dedica-lhes o mesmo culto, e representam, na singeleza da promessa, a mesma valia de intenções.

A senhora da Benedita...
que eu p^{ra}ta^{no} lá hei-de ir,
que l^{he}-de levar um cravo
que do céu me há-de cair. (1)

O meu menino gent^{il},
a vossa capela cheira,
cheira a cravos, cheira a rosas,
à flor da laranjeira. (2)

O meu padre Santo António,
Do altar de S. Santo António
até ao de S. Francisco,
tudo são cravos e rosas
postos pela mão de Cristo. (3)

Venham ver a barca nova
que fizeram os soldados,
vai a Virgem dentro dela,
toda coberta de cravo.

Senhora da Conceição,
madrinha de S. José;
o meu cravinho em botão
quem me dera ter-te ao pé.

Santo António vai aos cravos,
S. João mete p^{ra} a cesta,
a Virgem faz a capela
p^{ra} Cristo pôr na cabeça.

O meu padre Santo António
que lá estás nessas alturas,
estás todo cheio de cravos,
dos pés até à cintura.

S. Pedro subiu ao céu
a regar o seu jardim,
S. João colheu um cravo
para dar a S. Joazequin.

Isso sim,
meu cravo roxo,
abre-se o sacrário
do Senhor diporto.

Ahê,
Ahê, senher Santo António
tenher é o melhor cravo
do meu oratório. (4)

Ahê S. João e o seu dia entram significativamente nestas duas quadras: O Baptista é um cravo, Se no mês de S. João
colhido no craveiro; se podem tomar amores,
quem vos não festejar que estão os trigos com ramo
não é cristão verdadeiro, e o craveiro com flores. (5)

No altar de S. João
está um cravo encarnado;
das cortinas para dentro
está Jesus sacramentado.

No altar de S. João,
está uma capela que cheira,
cheira a cravos, cheira a rosa,
cheira a flor de laranjeira.

Fui à porta do Baptista
procurar os meus cuidados,
lá de dentro me atiraram
e' uma capela de cravos.

Isso sim,
meu cravo roxo,
viva o Baptista
que é corco.

— Ora viva,
viva o cravo,
S. João é
o meus cuidados.

Isso sim,
meu cravo branco,
viva o Baptista,
que é santo. (6)

(1) Excursão ao Sãojo, por J. L. de V. pag. 20

(2) Há variantes, somente no 1.º verso.

(3) Tem pequenas variantes.

(4) Cancioneiro Mineiro, por Silva Vieira.

(5) Cantos Pop. Portuguezes, por A. Tomás Pires, vol. I, págs. 36, 68, 94, 122.

(6) Cancioneiro Mineiro, por Silva Vieira.

(6) Cantos Pop. Portuguezes, idem, idem, págs. 112 a 115.



nem bênção de virtude. Entanto, desvian-lo-lhes o valor e o significado da promessa, visto que foi a fé que levou ali aqueles ramos, passam da intenção primitiva, do cunho penitente, ao culto dos corações, ao ar livre e gaudioso dos conversados dos caminhos e das gentes que levaram a sua esmola ao santo, e como não trazem significado bento nem ficam com virtudes miraculosas ou preservativas para males ou doenças, esses cravos e essa alfadiga, morrem com as primeiras horas do enfado e da noite dormida sobre o estonteio da algararra, da jornada e do saburro dos merendeiros...

Tudo morre e acaba quando não tem a perseverança e o sópro de uma virtude cristã a insuflar-lhe vida.

O povo só dá merecimento e préstimo, para os actos da sua manifestação religiosa e crente, as coisas que estejam benzidas. Só essas tem para ele valor e temor.

Mesmo para a prática dos ensalmos, para as benzilhões da superstição, para a cura dos males, etc., só as coisas amparadas pela crença darão os resultados pedidos, suplicados.

O alecrim abençoado pela passagem do Senhor-fora, os ramos de oliveira benzidos na festa de Ramos, e as rosas benzidas numa festa de Évora, são muito bem guardados pelo povo.

Há em tudo isto tradição e sópro de virtude.

«No domingo de Ramos, cada pessoa duma casa leva um ramo de oliveira, com que ouve missa e acompanha a procissão em volta da igreja. (1) Este ramo espeta-se depois na sementeira do linho; dá-lhe virtude. Guardado em casa, preserva contra as trovoadas, sendo deitados em cima de brasas, para arderem, alguns caninhos.» (2)

«A passagem do Senhor-fora, por todas as portas onde passa, deixa o povo murta, ramos de oliveira e alecrim, apanhando depois o alecrim, que ficando benzido sómente pela passagem solene do Senhor, fica com virtude, sendo bom para queimar em dias de trovoadas, afugentando assim todos os perigos da mesma.» (3)

«No domingo da S. S. Trindade celebra-se na igreja do Pa-raiso, em Évora, a denominada Festa da Rosa.

É costume anual benzer ali, solenemente, as rosas, que são dedicadas e oferecidas a Maria Santíssima Mãe de Deus, debaixo do título do Rosário.

Os devotos se aproveitam então das rosas assim benzidas, e as costumam depois guardar para vários usos medicinais. Devoção louvável, que tem por fundamento uma pia tradição.» (4)

Dissemos que a alfadiga e os cravos têm do povo a escolha supersticiosa de uns dias de grande festa para o seu sementar e plantar. E assim é. A alfadiga, os dias de Sábado de Aleluia ou Domingo de Páscoa; os cravos, a véspera ou o dia, de S. João.

É velha crença. É velho uso.

Todas as moças, pedem ou compram umas caninhas de craveiros, duma certa qualidade que viram, duma certa variedade que lhes indicaram, e mas sem vício, quer dizer, sem botões, sem sinais de rebentos, e torcendo-lhes os pés, fazem-lhes três ou quatro buracinhos, onde metem quatro ou oito greiros de cazeiro, e em vasos; latas ou cestos, lá vão com todo o cuidado e esperança plantá-las assim opeçadas, achegando-lhes um estrume miadinho e uma terra sacudida e leveira. O centelo é para fazer rebentar a raiz mais depressa.

São as orvalhas das desses dias de festa, que melhor fazem pegar e proluzir os craveiros plantados. Adiante, um ano decorrido, dão cravos que farte, e notase a diferença à beira dos que não foram plantados nesses dias.

O povo é assim, seguindo nesta marcha e nesta vida consoante a tradição e os usos dos seus avós.

Já na véspera e dia de S. João, na praça do mercado, a par dos molhos e maldadas das ervas milagrosas, de funcho, limonete, cidreira, salva, etc., que se vendem a 20 e 30 centavos, lá estão vasos e vasos de cravos, encanadinhos e muito direitos, ao preço de 3, 5 e 8 escudos, e ao lado, molhos de caninhas, a 30 e 50 centavos, e ramos de cravos, muitos ramos e muitos cravos, bonitos e variados.

É uma feira grande de cravos. Vendem-se rapidamente.

Até os avulsos, que as lavradeiras vendem a 10, 20 e 50 centavos cada um, depressa desaparecem.

As regateiras costumam assambarcar os mais vistosos,

*Jardineiras, floreiras,
vós que andais a vender?
Vendemos cravos e rosas,
raminhos de bem querer.*

Nesses dias é costume a permuta de cravos entre os conversados. Nas aldeias, os moços os ramos de cravos e alfadiga às portas e nos campos das suas moças.

E continuam as cantigas, sem parança, a rezar do cravo, flor por excelência dos namorados do campo:

Nesta cadeia estou preso,
não é prisão, é regalo;
estou ao refrêscas das flores,
às tuas ordens, meu cravo. (1)

Deitel o cravo no ar,
caiu no chão, fez dois eses;
eu a ti nunca te lembro,
tu a mim nunca me esqueces.

Tenho cravos semeados,
malmequeres a nascer,
tenho-te amor de pequena,
já te não posso perder.

O craveiro da minha sogra
já não tem vindo três cravos;
o primeiro é o meu amor,
os outros dois meus cunhados. (2)

Atizaste-me com um cravo,
e no ar se desfolhou;
veio-me cair no peito,
em meu coração ficou. (3)

Quem tem craveiros, tem cravos,
quem tem cravos, tem botões;
quem tem amores, tem zelos,
quem tem zelos, tem paixões.

Nas ripadas do linho, ^é velho uso, as filhas dos lavradores onde elas se realizam, à hora da merenda, escondem os chapéus dos ripadores, para nas suas fitas ~~postas~~ ^{amarrarem} depois os ramos mais abraçados e de mais subida prenda e distinção.

Os ramos são ajeitados igualmente para todos os trabalhadores, novos e velhos, casados e solteiros, e representam o coroamento de simpatia para quem trabalha na lida custosa do linho, que é a colheita mais rica dos lavradores e por todos festejada, nas diversas e multiphas fases da sua feitura.

O linho tem grandes honras nas festas que o povo lhe dedica, desde as ripadas, envidadas até às espadeladas e fiadas.

Os ramos compõem-se de um ou dois ~~cravos~~ ^{cravos}, alfândiga, segurelha e um abraço de vide (gavinha).

É este o ramo mais honroso que se pode dar, e o mais significativo entre os ~~na~~ namorados.

Temos ~~na~~ ^{em} os dois símbolos, o cravo e a alfândiga, ligados e unidos em casamento pela segurelha e pelo abraço da vide.

m Não vi roseira sem picos,
nem craveiro sem botões,
nem casamento sem ditos,
nem a morte sem paixões. (4)

Olha que eu por ti suspiro,
olha que eu por ti dou ais;
olha que eu por ti, meu cravo,
hoje não suspiro mais.

Mandaste-me penhorar
os cravos do meu craveiro;
dei os cravos à penhora,
inda me sobrou dinheiro.

O serpaõ é miudinho,
nasce no meio do cravo;
se tu tens outros amores,
não me enganes, que é pecado!

O cravo depois de sêco
logo fica, amor, perdido;
eu bem quero, mas não posso,
tirar de ti o sentido. (2)

Dizeis que não pode ser
silva verde dar um cravo;
aqui o trago no peito
na silva verde pegado,

Semeel um cravo branco,
nasceu-me um cravo encarnado,
fui procurar-te inocente,
caí contigo em pecado.

i) És o sol esclarecido,
és o cravo da craveira,
se eu sonhava o teu sentido,
amava doutra maneira,

ii) Chove água miudinha,
rega o cravo na craveira,
também rega o meu amor,
que é ganhão lá na Padreira.

Já vi cravos sêcos na água
tornar-se reverdecer,
e já vi amores vadios
tornarem ao bem querer.

Deitei o cravo no poço,
e saí-me com três lanças;
se tens o sentido em mim
podes perder as esperanças.

Deitei o cravo no poço
coidando que ia ao fundo
nadava na veia da água
como suspiros no mundo.

O meu amor é um cravo,
anda no mar, no craveiro,
dá-lhe o vento, calhe a folha,
arrasa-se o mar com cheiro.

Os cravos do meu craveiro
deitam bandeiras de luto;
ausentou-se o meu amor,
tenho pena, choro muito.

Meu amor, não vivas triste,
ainda há-de ser amado,
numa cadeirinha de ouro
feita da raiz dum cravo. (5)

Atirel o cravo branco
p'ra dentro do teu jardim;
quem me dera ir com ele,
ver se inda gostas de mim!

Não há sol como o de Malo,
luar como o de Janeiro,
nem cravo como o regado,
nem amor como o primeiro. (1)

Atifaste-me com um cravo,
com uma folha me feristes;
vistes o sangue correndo,
nem por isso me acudistes. (3)

Botel um cravo ao poço,
fechado, e saí-me aberto;
é um regalo na vida
enganar a quem é esperto.

Os cravos do meu craveiro
estão voltados ao telhado;
tens fama de ser bom moço
e és feio como o diabo. (4)

Tenho raiva ao vento norte,
que me leva a flor ao cravo,
tenho raiva a mim mesmo
por não ser do teu agrado. (5)

Esta noite choveu neve
no gargalinho do poço;
todos os cravos abriram,
só tu não, meu cravo roxo.

O' meu cravo encarnadinho,
criado ao pé do poço;
tu de mim não esperes nada
que eu ser-te firme não posso.

Deitei o cravo no poço,
fechado e saíu aberto;
os braços do meu amor
são fitas com que me aperto.

Deitei o cravo no tanque
com as folhas a bulir;
deste não saí fiador,
meu amor viste-lo ir.

Antoninho, cravo roxo,
não saias de noite à rua;
até os anjos admiram
essa tua fermosura.

Olha, este não há muito cravo,
ó rosa, emprega-te bem.
não xfoques em pouca água
que o Tejo muita tem. (1)

Guimarães, Junho e Julho de 1930.

(1) Em Harroco costumam levar a banhar ramos de alvelra, alcorim, loureiro, e angorosa, em molho de Ramos, sendo estas ervas guardadas para afugentarem as trovoadas. Levam também v-fas de arevinho a bômer, e com elas caprefam depois as barrigas das vacas quando doentes (Trad. Pop. de Barrosa, por Fernando Braga, na *Revista Lusitana*, vol. 19, pág. 77 e 78).

(2) Trad. Pop. e Usanças Populares de Guimarães, por Alberto V. Braga, pág. 174.

(3) Idem, pág. 297.

(4) Rev. Lusitana, vol. 11, pág. 252. artigo — Investigações Etnográficas, por A. Tomás Pires.

(5) Migalhas Etn. por João S. Correia, na Rev. Lus. vol. 20, pág. 217.

(6) Folc. do Alentejo, por Luis Chaves, na R. L., vol. 19, pág. 301.

(7) Cant. Pop. de Cel. da Beira, por M. Mendonça, na R. L., v. 16, p. 308 e 310.

(8) Trouvas do Povo, por João do Alentejo.

(9) Trad. Pop. de Sto. Tirso, por A. C. Pires de Lima.

(10) Folclore da Figueira da Foz, por C. Maria e A. Pinto.

(11) Idem, com pequenas variantes.

(12) Cantos Pop. Portugueses, por A. Tomás Pires, vol. 1, pág. 144.

(13) Idem, págs. 179 e 235.

(14) Cantos Populares Portugueses, por A. Tomás Pires, vol. 1, págs. 253, 257, 276, 293, 294, 297, 321.

N. B.

Mando novamente o original
para conferirem e numerarem
convenientemente as notas, e
colocarem as deste galeão